

## Apresentação

Neste número é apresentada aos leitores brasileiros uma personagem extraordinária do século 17, trata-se de Sara Copia Sullam (1592-1641), que viveu no primeiro gueto da Europa, instituído em Veneza, tema do estudo de Valentina Cantori, doutora pela Universidade Macerata/Universidade Hebraica de Jerusalém, é apresentada aos interessados pela história da mulher na vida intelectual do Ocidente e da cultura judaica. Em diversos sentidos ela se destaca pelo talento e coragem intelectual ao rebater o teólogo Bonifacio Baldassare, que a acusara de impiedade por não acreditar na vida eterna. Baldassare é literalmente rebatido em prosa e verso pela sua oponente, que responde com brio ferido e inteligência ao agressor, numa linguagem firme, irônica e sugestiva. Após a resposta prosaica abre-se uma sequência de sonetos, aqui traduzidos pela ensaísta italiana mencionada acima, que hoje vive entre o Brasil e a Itália. É uma porta pela qual podemos avistar a complicadíssima paisagem daquela época, de uma voz que a poeta brada em autodefesa pessoal e da sua crença. É a tradução do texto para a língua portuguesa, também feita pela autora, O passado judaico italiano também está presente na herança cultural do escritor francês Albert Memmi, nascido na Tunísia, de pai judeu italiano e mãe judia tunisiana. Memmi destacou-se pelo tratamento que ele dedicou à problemática do colonizado, presente em sua obra de ficcionista e ensaísta, nesse estudo de Daiani da Silva Barbosa. O foco é a ideia do romance de formação e o ambiente que o produz, somando-se o mundo colonizado, a África e a Europa, quando um idioma do colonizador, no caso o francês, torna-se meio de expressão do colonizado. Memmi nasceu em Tunis (1920), morreu em Paris, pouco antes de completar 100 anos e se tornou referência nos estudos sobre as relações da colônia e do colonizador no século 20, pelo tratamento extensivo que confere ao seu projeto de vida e obra. Dispersão e idiomas em torno da língua hebraica e todas as línguas faladas pelos judeus instalados em correntes migratórias desde fins do século 19, primeiro na então Palestina e depois em Israel, provenientes de dezenas de países, são as personagens centrais do estudo realizado por Marian Gabani Gimenez. A partir da ficção do israelense Almog Behar, a autora apresenta um quadro irônico e até divertido, lúdico, da tensão entre os idiomas levados pelos imigrantes e bem ou mal transmitidos aos descendentes em relação à adoção do hebraico, a língua oficial do país. A nostalgia dos idiomas anteriores torna-se o motivo da ficção de Behar ao traçar

um panorama sobre a interrogação fundamental: que idioma ou idiomas são ou deveriam, impossivelmente, ser usados para pensar e viver em Israel? É uma só intrigante pergunta sobre a identidade e suas indefinições no mundo contemporâneo – o ensaio está publicado no original, com a tradução ao português, de Tiago Santos. A questão identitária está presente também em *O Minotauro*, romance do israelense Biniamin Tammuz (1919-1989) sobre um agente secreto, suas fantasias, suas dúvidas no cenário ideológico e social da formação do país, o mundo europeu e asiático, passado-presente, mais as interrogações que brotam daí, numa visada local e ao mesmo tempo panorâmica das questões levantadas pela autora do estudo, Juliana Carvalho Eliezer. O romance destaca-se pela originalidade e a habilidade do escritor ao trabalhar as inquietações em torno dos grandes desconcertos da história coletiva e individual. Da produção literária hebraica pioneira publicamos o conto *Pai e Filho*, de Yehuda Steinberg (1863-1908), do tempo em que os escritores hebraicos na Europa dividiam entre a língua dos profetas e o ídiche. O conto, traduzido por Gabriel Steinberg, é um belo exemplo da arte do ficcionista ao trabalhar a temática da angústia dos judeus da Europa Oriental diante dos caminhos que se fechavam e outros que se abriam, respectivamente, no Velho Mundo e no Império Otomano. Aventuras, dilemas locais familiares e sociais são projetados num quadro de universalidade psicológica, com dramaticidade temperada pela compaixão diante do sonho autoenganador e da realidade tragicômica. Dispersão e Shoá como pano de fundo, temática permanente da literatura e dos estudos judaicos contemporâneos é vista por Roseane Oliveira de Araújo Félix e João Batista Cardoso em artigo sobre a judia alemã Ilse Losa, refugiada em Portugal e a temática do exílio e da sobrevivência, em todas as suas implicações. Losa recebeu o Grande Prêmio Gulbenkian pelo conjunto de suas obras destinadas ao público infantil e jovem em 1984. O leitor encontrará o texto em castelhano intitulado *De la Retirada à aujourd'hui*, da autoria de Danae Gallo González. Trata-se de um ensaio sobre o audiolivro *Exils d'Espagne, De la Retirada à aujourd'hui*, de Susana Asquinez, um exercício sobre o uso inovador de diferentes linguagens em busca de uma expressão multifacetada a partir de Shoá. O filósofo Soren Kierkegaard e suas reflexões a partir do texto bíblico são o tema de Julian Bohr. Mais conhecido pelo seu estudo sobre o homem de fé a partir do sacrifício de Isaac, é comentado por Julian Bohr, no estudo intitulado *Os estágios do desespero kierkegaardiano e o monstro em Jó*. Enquanto Felipe Silva Carmo no estudo *O Sábio e o Alquimista* detém-se na questão da produção artística-artesanal na tradição bíblica e as pesquisas contemporâneas no seu estudo a respeito do *Sábio e o alquimista*, a partir dos estudos de Mircea Eliade. No campo específico das

resenhas encontra-se o livro *Israel e a Paz no Oriente Médio: Uma Luz no Fim do Túnel?*, de Henrique Rattner. Trata-se de homenagem a uma das grandes personalidades da comunidade judaica brasileira, no ano de seu centenário. Rattner destacou-se como professor, pesquisador e consultor de instituições brasileiras e internacionais (ONU, Unesco e Banco Mundial). Ao mesmo tempo, dedicou-se às questões comunitárias locais, na prática e no estudo. A obra, que reúne artigos e palestras de Rattner sobre o conflito árabe-israelense, foi organizada pelo seu filho Jair Rattner. O comentário é da autoria de Saul Kirschbaum. Finalmente, as inovações da literatura judaica estadunidense, em busca da linguagem do momento, são comentadas por Heloísa Pait a propósito do livro *Likely Stories*, de Mick Stern. Resulta disso tudo um resumido e amplo quadro do universalismo e do particularismo judaicos com suas imbricações na prática histórica e cultural da experiência judaica. Em espírito e presença.

*Moacir Amâncio*